

## MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE CONSTITUIÇÃO DE CORPOS SEXUADOS NA INFÂNCIA

Ana Maria Faccioli de Camargo  
UNIUBE – Universidade de Uberaba – Minas Gerais  
Instituto de Formação de Educadores - IFE

Claudia Ribeiro  
UFLA – Universidade Federal de Lavras – Minas Gerais  
Departamento de Educação

### Introdução

O Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana (GEISH) da Faculdade de Educação da Unicamp tem procurado discutir a Sexualidade Humana e difundir seus estudos nesta área. O grupo, formado por educadores e educadoras, se preocupa não só com a reflexão sobre o tema, mas sobretudo com o pressuposto de que a sexualidade é uma construção sócio cultural e por conseguinte não representa apenas uma função biológica marcada pela idéia de função/disfunção, natural/patológico, normal/anormal. Nesta ótica vem analisando como as representações do sexo e da sexualidade foram manifestadas diferentemente na Grécia, em Roma, na Idade Média, no século XIX ou século XX, pois sempre estiveram sujeitas ao jogo das influências sociais historicamente determinadas.

A partir do século XIX a sexualidade humana tornou-se objeto de estudos de diferentes áreas do saber e inúmeros conhecimentos foram e vêm sendo produzidos (e reproduzidos) nas instituições, família, escola, nos modelando e definindo como sujeitos no dia a dia das relações sociais. Falar de sexo nestas instituições se constitui hoje, na verdade, numa forma de controle do comportamento.

Especificamente no que concerne à Educação Sexual na escola brasileira, várias questões se apresentam:

- Que subsídios educadores e educadoras têm ou tiveram para abordar tema tão delicado?
- Na prática educativa, como tem ocorrido a Educação Sexual? Em espaços definidos ou como tema transversal?
- Quais são os princípios que norteiam uma proposta metodológica para a Educação Sexual?

Como o artigo está dirigido para educadoras e educadores que atuam junto às crianças consideramos oportuno apresentar algumas reflexões da nossa prática profissional que têm sido desenvolvidas sobre a Infância e os Princípios Metodológicos. Foi desta prática que identificamos as dúvidas, os desejos, os temores e medos, as dificuldades encontradas por professoras e professores de educação infantil e do ensino fundamental ao trabalhar com esta temática. Apresentamos através dos relatos dos professores/as e alunos como tais questões apareceram na prática e como foram trabalhadas.

### Sexualidades e Infâncias

A criança foi concebida e tratada de diferentes maneiras em diferentes momentos e lugares da história da humanidade; são tantas as infâncias quantas forem as idéias, práticas, discursos que se organizam "em torno" e "sobre" ela. Os resultados das investigações científicas permitiram a catalogação de um conjunto de características próprias da infância tomada como universal e imutável, ignorando-se que o ser humano, seu corpo e sua mente, além do fisiológico, também estavam e estão subordinados ao jogo das influências sociais historicamente determinadas.

Os conhecimentos considerados "verdadeiros" sobre a natureza humana produzidos pelas ciências biológicas e ciências médicas possibilitaram a implantação de políticas higienistas e eugenistas, trazendo

modificações profundas na organização da família, nas idéias sobre a criança e na organização e prática escolar. Um dos pontos destas políticas era o controle da sexualidade uma vez que controlando o sexo se realizava o controle da população. Uma nova família foi estruturada juntamente com novas formas de se considerar e tratar a criança. Vale ressaltar o mesmo papel para a escola. Ambas se tornaram responsáveis pelo futuro da criança e também culpadas pelo eventual fracasso na idade adulta.

Falar com as crianças sobre as relações entre os sexos teve diferentes formas e enfoques no decorrer da História. No século XVI Erasmo publicou os seus famosos *Colóquios* destinados a aprimorar a língua dos jovens e a educá-los para a vida. Tal obra foi o livro-texto mais famoso e mais lido de sua época sendo também o mais criticado posteriormente. Depois de Erasmo outros teóricos da educação, entre eles Jean Jacques Rousseau no século XVIII, continuam não tomando a sexualidade infantil como objeto de estudo, pois ela ainda não havia sido problematizada. O sexo na infância não ia além de uma diferença anatômica. Foi aos poucos que a associação entre sexualidade, vergonha e embaraço, se tornou predominante. Brincadeiras e diversões com crianças relacionadas à sexualidade não foram mais admitidas no interior da sociedade burguesa que se consolidava no século XIX. Dessa forma a sexualidade foi, cada vez mais, sendo colocada para trás da cena da vida social e resguardada na família nuclear. Os desejos das crianças passaram a ser definidos pelo adulto, que os expressava em nome delas. Ao iniciar o século XX (1905) porém, Freud publicou os *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, obra que causou escândalo e controvérsias, na medida em que este autor colocava com clareza a existência da sexualidade na criança e sendo assim, retirava a sexualidade infantil do campo da patologia, dando a ela, um caráter de normalidade.

Desde os fins do século XIX, no ocidente, o sexo e a sexualidade têm funções que vão muito além da procriação e até mesmo do prazer. A cultura contemporânea, da qual todos nós fazemos parte, tematiza intensamente a sexualidade, e isto certamente não é gratuito.

Michel Foucault, filósofo francês, direcionou seus estudos para a crítica da sociedade ocidental contemporânea. No primeiro volume da *História da Sexualidade: A vontade de saber* o autor não coloca em questão a existência da repressão sexual, pois sem dúvida ela está presente na vida do homem. Ao considerar que o tema da sexualidade está fortemente presente na nossa cultura e ao mesmo tempo convive com uma série de interditos à esta mesma sexualidade, procura desvendar nestas malhas aquilo que leva a falar do sexo, pois acredita na hipótese de que os mecanismos que convidam, incitam, coagem a falar de sexo estão dirigidos no sentido de institucionalizá-lo e controlá-lo – quem fala, para quem fala, onde se fala. Falar sobre sexo é uma forma de controle do comportamento dos sujeitos: crianças, adolescentes, homens, mulheres. Este autor mostra, por exemplo, como a masturbação em crianças, tema tão polêmico no mundo contemporâneo, foi encarada como patologia a partir do século XVIII no momento em que a infância passou a ser problematizada e a criança considerada como a “semente do amanhã”, necessitando por isso mesmo ser cuidada, vigiada, controlada. Para ele “*as relações de poder no ocidente estão talvez entre as coisas mais escondidas no corpo social*”, pois encara o discurso, o falar sobre como forma de exercício do poder. É preciso ainda ressaltar que a domesticação dos corpos, advinda da ciência moderna do século XVIII, foi fortalecida pelo cristianismo, que por sua vez tomou essa mesma idéia do estoicismo. Esta aprendizagem vem ocorrendo ao longo da história do ocidente, tendo marcado todas as civilizações e culturas judaico-cristãs. São Paulo pregava acerca dos males da carne ao escrever a lista dos pecados, em que deixa claro que a concupiscência é suspeita e deve ser cuidadosamente controlada. No século IV Santo Agostinho se debatia com tal ligação, quando, antes da sua conversão, foi tomado de ódio pela carne porque esta era o lugar do abandono ao prazer. No século XII, Abelardo pagou com sua castração por ter amado Heloísa e cedido à tentação da carne.

Contribuindo também para o estabelecimento de “verdades” e reforçando o adestramento dos corpos através do falar sobre, o sacramento da confissão, instituído no catolicismo medieval e que perdura até os nossos dias, criou uma compulsão à fala e principalmente à fala do sexo, estabelecendo assim um discurso “verdadeiro” sobre ele.

Para nós, profissionais de diferentes áreas que trabalham com sexualidade humana, a lição que fica da análise das idéias de Foucault é a necessidade de estarmos atentos, quando na prática profissional, induzimos, incitamos, desviamos, tornamos mais fácil ou mais difícil, produzimos, ampliamos ou limitamos o tema da sexualidade. Nestas práticas, se exercita o poder, modelando corpos e mentes. São nestas relações de poder que se estabelecem “verdades” e se constituem os sujeitos - crianças, adolescentes, homens, mulheres.

O controle do comportamento exercido pela sociedade através de suas diferentes instituições – família, escola, igreja, tem como fundamento um modelo de infância a ser atingido. E esse modelo é ensinado ao professor, que pelo psicopedagógico aprende como atingi-lo. A infância é falada na voz do adulto e de acordo com seu pensar. O sistema educativo desconhece a criança procurando nela o adulto esquecendo-se de olhar para ela como um ser que tem lugar no mundo, esquecendo-se de que a sexualidade é uma dimensão da existência que não tem idade; que o princípio da transformação está na essência do próprio ser e esquecendo-se também de que a criança elabora suas próprias teorias sexuais de acordo com suas vivências num estilo pessoal, individual, único. A sexualidade assim como as demais características do ser humano estão em constante transformação e é neste permanente movimento que deve ser compreendida. Nós educadores e educadoras sabemos como as crianças são impedidas de falar de seu corpo, de suas inquietações, de seus medos e alegrias na descoberta da sexualidade. Possibilitar espaços para a fala da criança e para as manifestações de sua sexualidade esbarra em padrões arraigados nos modelos existentes que consiste em propor referências ideais e dificultam contactar o mundo de maneira criadora e singular. É um mecanismo sutil, muitas vezes inconsciente aos participantes do projeto educacional (Guattari & Rolnik, 1993). Por isso mesmo o pensar diferente é uma ousadia que ultrapassa a padronização.

No entanto a escola trabalha, ainda hoje, com a idéia do vir-a-ser, ou seja, a criança vai atingindo etapas do desenvolvimento previamente esperadas e idealizadas. Por isto mesmo atividades são programadas, traçadas e organizadas para que ela atinja as etapas com sucesso e assim cada fase determina o sucesso da fase seguinte, onde o fracasso implica em exclusão.

A criança, no entanto, não é só produção do poder, mas também o exercício de infinitas possibilidades. Não existe um caminho prévio e determinado que deva seguir para tornar-se um adulto e nem é um pré-adulto normatizado. Desta maneira o devir-criança pode se constituir numa resistência permanente, uma potencialidade de processos de transformação. O devir-criança recusa os modos de manipulação e telecomando, para construir modos de sensibilidade, de relação com o outro, de criatividade. Acreditamos que a criação de espaços alternativos de ação na prática educativa podem representar um movimento de transformação, de criatividade, de rompimento dos cercos.

#### Princípios Metodológicos para a Educação Sexual

O trabalho com a Educação Sexual na escola brasileira, principalmente, nos níveis da educação infantil e do ensino fundamental, tem sido bastante polêmico. Muitos consideram, ainda hoje, a abordagem de questões sexuais na escola como algo não sadio, pois estimularia precocemente a sexualidade da criança e do adolescente. Para outros, a discussão orientada de temas relacionados à sexualidade proporcionaria aos jovens tomar conhecimento da importância da vida sexual bem mais cedo e com maior profundidade.

Qual seria, então, o caminho da Educação Sexual? Entendemos que é necessário possibilitar o conhecimento e o desenvolvimento da vida sexual, com maior espontaneidade, liberdade e aceitação das diferenças, tanto para o educador quanto para o adolescente. No entanto, são grandes os desafios principalmente para o educador de hoje porque o caminho do conhecimento da vida sexual se contrapõe à crescente complexidade da vida moderna que, através das suas máquinas oferece, rapidamente, imagens, soluções e idéias maravilhosas para serem consumidas pelo homem, mas não favorecem a reflexão sobre suas reais necessidades e vontades. Mas, é possível construir com crianças e

adolescentes uma postura de crítica às doutrinas que se fundamentam na normatização das condutas sexuais visando uma "satisfação padronizada".

A Escola é conhecida como uma das instituições encarregadas de transmitir cultura e formas de comportamento aceitas pela sociedade, mas ela pode também ser um espaço de questionamento desses comportamentos.

Para que ocorram transformações e inovações pedagógicas no ensino e nas escolas há necessidade e urgência de uma organização diferente do processo didático, do espaço físico e do tempo para que as crianças se constituam interagindo, integrando, participando. A auto-disciplina, a autonomia, a liderança, a atividade criadora, fazem parte da dimensão metodológica em que o aluno produz o seu conhecimento a partir de materiais e desafios constantes. O material didático e pedagógico sai das fronteiras da sala de aula e utiliza os recursos da comunidade, que se transforma em laboratório vivo e permanente.

Essa dimensão metodológica prioriza o ser humano como um todo, destacando as individualidades e a ação grupal. As pessoas acabam sendo elas mesmas e o meio escolar vai se transformando de acordo com as necessidades. As pessoas envolvidas são consideradas possuidoras de um valor essencial e capazes de encontrar soluções para seus próprios problemas.

Nessa medida, a inventividade da criança e do educador, o levantamento de hipóteses sobre os assuntos, o interesse e a curiosidade, permeariam todo o processo educativo. Na maioria das vezes os conhecimentos que dizem respeito à afetividade: relacionamentos pessoais, cidadania, direitos e deveres, considerados pilares da solidariedade e da cooperação humana, em geral são omitidos pelas escolas. A afetividade como sabemos está ausente dos currículos escolares e a agressividade encontra-se presente quer seja em estudos acrílicos das guerras e conflitos, quer na competitividade do dia a dia da escola (Busquets et alii 1993).

No que se refere à Sexualidade Humana é preciso ressaltar que ela representa muito mais do que o ato sexual e a reprodução, ela abrange o que são as pessoas, seus sentimentos e relacionamentos. A Sexualidade é uma energia forte e mobilizadora; uma dimensão de expressão do ser humano em sua relação consigo mesmo e com o outro; lugar do desejo, do prazer e da responsabilidade.

Os currículos dos cursos de formação de professores deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana despertando as possibilidades do corpo e das emoções. Conhecer a sexualidade não significa aprender a estrutura dos genitais. Educação sexual centrada na genitalidade advém de uma educação que disciplina, organiza e concentra o prazer nos genitais. Assim procedendo anestesia o resto do corpo.

O educador e a educadora que permitem o acesso às produções culturais e assumem o papel de mediadores das questões advindas possibilitam às crianças a investigação do que despertou-lhe a curiosidade.

Na maioria das vezes, os conteúdos das diversas disciplinas são tratados num ambiente de sincronia, hierarquização, submissão, valores pré concebidos, o mesmo acontecendo com a educação sexual. A informação necessária e de forma adequada, possibilitando a construção/autoria dessa informação, faz com que as crianças se sintam tranqüilas com relação às questões relacionadas à própria sexualidade, e possam desenvolver-se de forma a tornarem-se indivíduos conscientes dos valores e direitos que antecedem os contratos da sociedade, recuperando muito da alegria e prazer de viver.

A Criança, na Dinâmica Interativa, Constitui seu Corpo Sexuado

Muitos episódios no dia-a-dia das instituições refletem a ansiedade, desconforto e atitudes inadequadas em relação às curiosidades e manifestações sexuais das crianças. Por exemplo: o menino que gosta de colocar salto alto e saia longa; a vergonha da educadora de nomear os genitais; as perguntas das crianças: “de onde vêm os bebês”? As brincadeiras sexuais entre as crianças; masturbação, dentre outras.

As crianças, desde a tenra idade, fazem inúmeras perguntas relacionadas a sexo. São perguntas básicas para o desejo de saber e, se ocultadas, podem inibir o ímpeto da busca do conhecimento.

Para a criança a sexualidade perpassa suas brincadeiras, natural e espontaneamente, e sua sensibilidade e criatividade podem ser preservadas se existir abertura das educadoras e educadores. Tal atitude pode favorecer seu auto-conhecimento e o conhecimento do outro.

As propostas para a educação infantil deveriam considerar: que as crianças são seres sexuados, manifestando espontaneamente sua sexualidade e desenvolvem suas próprias teorias sexuais; que a masturbação auxilia na compreensão do corpo e do prazer e a repreensão não fará que a criança pare de se masturbar, mas realizá-la de modo culposos; que manipular genitais, afagar, beijar, tocar um ao outro são gestos comuns entremeados de muito riso e cócegas, com o mesmo ou com outro sexo; que a criança lê a linguagem corporal e a reação do adulto frente a cenas de sexo; que os adultos (homens e mulheres), familiares e professores têm expectativas diferentes quanto à padrões de comportamento apropriados para meninos e meninas.

Os relatos apresentados a seguir têm como objetivo evidenciar inquietações diferenciadas e diferentes que conduziram a uma busca de novos procedimentos na educação. Foram possibilidades encontradas por professoras que tiveram coragem de ousar e que nos ajudaram a pensar a prática educativa e as relações cotidianas sem receitas, mas acenando para princípios éticos, políticos e estéticos.

### ***“o inesperado também está fora das fronteiras da sala de aula”***

*Professores e professoras excursionavam com seus alunos de 3ª série do ensino fundamental para realizar o “Estudo do Meio”. A idéia de que o ato de conhecer acontece na relação com os outros e no diálogo com o objeto do conhecimento, no caso, a natureza e sua preservação, estavam presentes. Proposta de trabalho clara entre os alunos e professores; regras combinadas do quê, como, por quê observar isto ou aquilo. Ao visitar a fazenda escolhida para realizar o “Estudo do Meio” crianças, professores e professoras depararam-se com um cavalo e uma égua cruzando. As crianças interessaram-se vivamente. As relações que podemos estabelecer entre essas quatro dimensões são múltiplas, dependendo do grupo social, da cultura, da religião e do gênero. O nosso grupo social é depositário de uma história de repressão acumulada durante anos em que o falar de sexualidade na escola, na maioria das vezes, é proibido. Ao depararem-se com uma égua e um cavalo cruzando e, o interesse vivo das crianças, os educadores e educadoras teriam a possibilidade de retirar o tema do oculto e mediar a construção de conhecimentos os mais diversos.*

A imposição de limites, de penalidades, de culpas reduziram a sexualidade ao que pode, ao que não pode; ao que é adequado e ao que é inadequado; ao que é normal e ao que é patológico.

No processo civilizatório, em nossas relações do dia-a-dia, queiramos ou não, estabeleceram-se “verdades” sobre a sexualidade nos constituindo como crianças, adolescentes, homens e mulheres “normais” ou “anormais”.

Daí nossa atenção à prática educativa na temática da sexualidade humana: Incitamos? Desviamos? Facilitamos? Dificultamos? Ampliamos? Limitamos? E por quê? E tantas outras perguntas que surgem: para quê? Para quem? Com quem? Onde? Como? Quando?

Nosso desafio é imenso: retirar a educação sexual do papel e inseri-la no cotidiano das escolas, continuamente, sistematicamente, calcada em bases éticas, políticas e estéticas. Uma atitude crítica e o

compromisso com as crianças de qualquer faixa etária, não pode mais excluir a educação sexual das Propostas Político-Pedagógicas das Escolas.

***“Havia alguns meninos que não participavam da maquiagem”***

Natália, professora da Creche Escola Semente do Amanhã, localizada na cidade de Lavras, Minas Gerais, acredita e coloca em prática sentimentos e atitudes para a equidade entre os sexos. Mas nem sempre é assim. O que acontece na maioria das vezes são brincadeiras próprias de meninos e meninas que limitam a possibilidade de ambos experimentarem atividades diferenciadas das estereotípias sexuais. O menino brincar de coisas consideradas de menininha ou vice-versa, carrega o tabu de que isso pode comprometer o esquema sexual de ambos.

Muitas vezes aceita-se como “verdade” os condicionamentos que determinam o que menino deve fazer e o que a menina pode fazer. Existe o desejo de experimentar, por exemplo, a maquiagem, mas os meninos não fazem porque é coisa de menina. Uma questão é o exercício do esquema de “mesmo sexo” onde meninos e meninas testam o “ser homem” e o “ser mulher” e outra é a possibilidade de conviver com pessoas diferentes e brincadeiras diferentes. Ao desenvolver atividades com crianças de 5 anos Natália relata:

*“Lucinha trouxe, naquele dia, seu estojo de maquiagem e foi com um grupo de crianças para dentro da sala onde tinha um espelho para brincar. Nesse grupo de crianças havia alguns meninos que não participavam da brincadeira mas ficavam olhando de longe. E eu observando. Uma menina perguntou a um menino: você não quer passar baton? Ele, ávido de vontade, dizia que não, que aquilo era coisa de mulher. O mesmo aconteceu com a sombra... com o rímel... com o blush... E cada vez os meninos chegavam mais perto e outros meninos se aproximavam. A expressão deles era de desejo de experimentar. Um deles disse assim: passa um pouquinho na minha perna? Só prá ver a cor...”*

*Naquele momento, percebi que teria que alterar o meu planejamento. Perguntei a eles se gostariam de brincar de palhaço, assim possibilitaria aos meninos brincar com a maquiagem. Todos gostaram da idéia. E mais, sugeriram brincar de Circo. Cada um escolheu o seu personagem e começaram a maquiar-se e a complementar suas “fantasias”. O prazer dos meninos era visível ao experimentar as maquiagens. Agora “autorizados” pela idéia do Circo. Colocamos um lençol na sala para ser o palco. Criamos uma peça e convidamos outra turma para assistir”*

A postura da educadora ao mudar o seu planejamento com base nas necessidades e experiências daquelas crianças, levou em conta os diferentes conteúdos da educação sexual considerando: o perfil dos participantes; mitos e tabus; diferentes etapas da vida; ideologias, valores e atitudes; aspectos psicossociais; gênero; auto-estima e atitude respeitosa. Para efetivar essa mudança no planejamento fizeram-se presentes a sensibilidade e toda uma bagagem de estudos e discussões da temática da Sexualidade Humana. Um padrão universal para a educação sexual não combina com a singularidade das crianças nem quando elas estão em grupos numa dinâmica interativa.

Nosso desafio é imenso: retirar a educação sexual do papel e inseri-la no cotidiano das escolas, continuamente, sistematicamente, calcada em bases éticas, políticas e estéticas. Os relatos aqui apresentados mostraram vida, sentimentos, emoções, dúvidas, ansiedades e explicitaram relações entre liberdade, autonomia e respeito à intimidade nas mais diferentes idades.

## **BIBLIOGRAFIA**

ARIÈS, P. & DUBY, G. *História social da criança e da família*. São Paulo: Editora Zahar, 1981.

BUSQUETS, M.D. et alii. *Temas Transversais em Educação*. São Paulo: Ática, 1997.

- CALVINO, Ítalo. *Seis Propostas Para o Próximo Milênio*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDAU, Vera Maria (org.) *A Didática em Questão*, Petrópolis: Vozes, 1985.
- COSTA, Jurandir Freire *Ordem Médica e Norma Familiar*, Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- DONZELOT, J. *A Política das Famílias*, Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- ELIAS, Norbert: *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, vol. I, 1994.
- ENGUITA, Mariano F. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FERNÁNDEZ, Alicia. *A mulher escondida na professora: Uma leitura psico pedagógica do ser mulher, da corporalidade, da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FLANDRIN, J-L. *O sexo e o ocidente*, São Paulo: Brasiliense, 1981.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*, Rio de Janeiro: Graal, 1984a.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro: Graal, 1984b.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2. O Uso dos Prazeres*, Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- FREITAS, Marcos Cesar (org) *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.
- GUATARRI, Félix & ROLNIK, Suely: *Micropolítica. Cartografia do Desejo*, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- GUATARRI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus, 1993.
- KATZ, Chaim Samue. *Crianceria. O que é a Criança, Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade - PUC-SP. Jun, 1996.
- LA TAILLE, Yves. *Limites: três dimensões educacionais*, São Paulo: Ática, 1998.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MEDERO, Fernando Barragán *Inteligencia y Afectividad, Cuadernos de Pedagogia*. No. 271/Julio-Agosto, 1998.
- RIBEIRO, Cláudia *A Fala da Criança sobre Sexualidade Humana: O Dito, o Explícito e o Oculto*, Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental. Transformações Contemporâneas do Desejo*, São Paulo: Círculo do Livro, 1989.
- ROUSSEAU, J.J. *Emílio ou da Educação*, São Paulo: Marins Fontes, 1995.
- ROUSSELLE, Aline *Pornéia: Sexualidade e Amor no Mundo Antigo*, São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SINGER, Helena. *República de Crianças: uma investigação sobre experiências*

escolares de resistência. São Paulo: Hucitec, 1997.

SMOLKA, A.L.B. & GÓES, M.C.R. (org.). *A Linguagem e o Outro no Espaço Escolar*. Vygotsky e a Construção do Conhecimento, Campinas: Papirus, 1994.